

A INCLUSÃO DA RELIGIOSIDADE NO PSICODIAGNÓSTICO

Marizilda Fleury Donatelli¹
Mary Dolores Ewerton Santiago
Ligia Caran Costa Corrêa

Nos últimos anos temos observado nos atendimentos em Psicodiagnóstico que realizamos na clínica-escola de uma universidade particular, o importante papel que as crenças religiosas assumem para os nossos clientes, mesmo que elas não estejam totalmente explicitadas. Essa observação levou-nos a proceder a uma revisão bibliográfica sobre o tema, com o objetivo de compreendê-lo. As fontes teóricas consultadas assinalam que a religiosidade é um aspecto da cultura constituinte da subjetividade e, por esta razão determina de algum modo a maneira como a pessoa se comporta, como se coloca diante da vida, como enfrenta seus problemas, etc. Contudo, assinalam também que a dimensão religiosa do ser humano esteve, durante muito tempo, pouco presente no universo da Psicologia, a qual preferiu temas que garantissem o esforço para alcançar o estatuto de ciência do comportamento. Conseqüentemente, a maior parte dos psicólogos não se refere a religiosidade por não considerá-la passível de interrogação. Hoje, no entanto, pensamos que há necessidade de incorporar a religiosidade e suas manifestações ao campo dos estudos e conhecimentos psicológicos, visto que o aspecto religioso aparece na clínica psicológica freqüentemente permeando o psiquismo e não deve, portanto, ser ignorado. Como efetivar essa tarefa é uma questão que se coloca ao psicólogo que pretende contemplar a dimensão religiosa do ser humano. Especial atenção deve ser dada para não incorrer numa atitude reducionista que entende todo fenômeno religioso como um fato psicológico, apesar da necessidade de reconhecer as relações existentes entre ambos. Indagar sobre a adesão religiosa da pessoa não é suficiente para dar conta de uma investigação mais profunda. Identificar que o indivíduo é católico, evangélico, espírita etc, por si só não quer dizer muita coisa. É necessário pesquisar "como" ele é católico, espírita ou evangélico. É preciso saber de que modo aquela pessoa ou aquela família vive a sua religião. Só assim podemos entender suas referências, seus apoios e a forma pela qual encontram "solo firme" para assentar suas existências. Mesmo pessoas ou famílias que não têm uma adesão religiosa explícita, possuem determinadas concepções e crenças religiosas que são atuantes em suas vidas. Concluimos que a prática psicodiagnóstica não alcança seu objetivo de compreender a problemática do paciente e/ou de seu grupo familiar se não incluir no seu campo de pesquisa a dimensão religiosa.

¹ Apresentadora. Universidade Paulista – Unip. São Paulo / SP. fdonatelli@uol.com.br.